

A síncope das vogais postônicas não-finais: variação na fala popular urbana do Rio de Janeiro

Danielle Kely Gomes¹

1. Introdução

Apesar de, no âmbito do português do Brasil, haver um número bastante considerável de pesquisas sobre a variação no vocalismo átono, observa-se que há um predomínio considerável de investigações que tratam da análise do contexto pretônico e um volume menor de estudos que descrevem as vogais postônicas, sobretudo as átonas não-finais. Uma das razões para as vogais átonas não-finais serem a “primas-pobres” dos estudos do vocalismo português se deve ao seu contexto de realização: são as primeiras vogais átonas das palavras proparoxítonas, o padrão acentual menos produtivo da língua. O contexto postônico não-final é bastante particular, pois, além dos fenômenos de neutralização, nota-se a ocorrência do cancelamento da vogal.

Este estudo procura contribuir para a descrição do contexto átono, focalizando a síncope da vogal postônica não-final, um fenômeno que leva à regularização de vocábulos proparoxítonos ao padrão acentual paroxítono (árvore > arvre, cócegas > cosca, pétala > petla, sábado > sabo), considerado na fala popular urbana do Estado do Rio de Janeiro.

Assim, neste trabalho, propõe-se investigar a frequência do processo de apagamento da vogal átona não-final das proparoxítonas no PB e a correlação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos atuantes

¹ Aluna do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Área de concentração: Língua Portuguesa) e Bolsista da CAPES.

no fenômeno – a partir de uma análise com base nos princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog, 1968; Labov, 1972, 1994, 2003; Mollica e Braga, 2003). O *corpus* em análise é composto por vinte e cinco inquéritos da Amostra Censo-80, do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua (PEUL). Nas seções que seguem, serão apresentadas uma breve contextualização do fenômeno – que é produtivo desde períodos anteriores na história de nossa língua –, as especificidades das palavras com acento na antepenúltima sílaba, os objetivos e as hipóteses norteadoras da pesquisa, a metodologia empregada e a análise dos resultados.

2. Uma contextualização do fenômeno

A supressão da vogal postônica não-final é um fenômeno atuante desde o latim e ocorre, com bem assinala Nunes (1956, p. 66), graças a uma tendência geral da língua de “evitar os proparoxítonos”. Williams (1961, p. 64) chama a atenção ao fato de que o apagamento da vogal postônica não-final era fortemente influenciado pelo ambiente fonético adjacente à vogal, sendo que a presença das consoantes *l*, *m*, *n* e *r* favorecia a queda da vogal átona não-final. Coutinho (1976, p. 106-107) aponta, ainda, como contexto favorecedor para o apagamento da vogal átona medial, o fato de ela estar entre uma consoante oclusiva e uma lateral ou vibrante (*oculus* > *oclus*; *socerus* > *socrus*).

No português arcaico (do século XII ao XIV), raras eram as palavras proparoxítonas, à exceção de vocábulos semieruditos pertencentes à liturgia, ao direito e à medicina. Foi o movimento renascentista o responsável pela reintrodução de alguns vocábulos proparoxítonos na língua portuguesa, sendo a maior parte deles empréstimos diretos do latim clássico e palavras emprestadas do vocabulário grego adaptadas ao latim.

Hodiernamente, os vocábulos eruditos ainda constituem grande parte das palavras proparoxítonas. Em vocábulos de uso comum, como *árvore*, *óculos* e *ônibus*, se observa a queda de segmentos no interior dessas palavras, reduzindo-as a paroxítonas, o padrão acentual mais comum na língua portuguesa, resultando em formas como *arvre* (*arve*), *oclus* e *ombus*.

Apesar de o fenômeno ser reconhecido por linguistas brasileiros, a verificação da sistematicidade da síncope em proparoxítonas foi e ainda é pouco investigada. O primeiro trabalho de cunho sociolinguístico, correlacionando a síncope a variáveis linguísticas e sociais, foi o de Head (1986), que verifica o comportamento das proparoxítonas em cartas do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB). Caixeta (1989), a partir da recolha

de palavras proparoxítonas em diversos *corpora* orais, propõe uma tentativa de descrição do comportamento desses vocábulos. Aguilera (1996) investiga as proparoxítonas em cartas do *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR). Aragão (1999) observa a realização das proparoxítonas na fala de Fortaleza; Amaral (2000, 2002), na fala de informantes da zona rural de São José do Norte (RS); Ximenes (2005) observa a produtividade do fenômeno na fala de Rio Verde (GO); Silva (2006), na comunidade de Sapé (Paraíba); Lima (2008), em variedades do sudoeste de Goiás e Ramos (2009), no noroeste paulista. Cardoso (2007) procura postular uma tipologia para o apagamento da vogal postônica não-final, a partir da análise dos vocábulos proparoxítonos catalogados nos atlas linguísticos que já foram publicados. Observa-se, a partir da lista fornecida acima, que ainda há muito que investigar sobre o comportamento das proparoxítonas.

A síncope é resultado da supressão de segmentos no interior dos vocábulos. Tomam-se como ponto de partida os processos gerais de síncope que promovem a redução das palavras proparoxítonas a paroxítonas. Desta forma, duas possibilidades de síncope são consideradas:

(a) perda da vogal postônica não-final - *óculos* > *oclus*, *abóbora* > *abobra*, *mínimo* > *minmo*, *título* > *titlo*, *chácara* > *chacra*.

(b) perda da vogal postônica não-final e da consoante que a segue - *fígado* > *figo*, *relâmpago* > *relampo*, *exército* > *exerso*.

Nos dois casos, uma vez suprimida a vogal postônica não-final, a estrutura silábica também sofre alterações: em (a), a perda da vogal resulta na formação Consoante – Consoante – Vogal: *ó.cu.los* > *o.clos*. Em (b), os vocábulos resultantes da queda da consoante postônica não-final sofreram outro processo de síncope, já que a queda da vogal produziu uma estrutura que viola as regras fonotáticas da língua portuguesa, gerando sílabas com estruturas não aceitas pelo Princípio de Sequenciamento de Soância² (PSS): *re.lâm.pa.go* > **re.lam.p.go* > *re.lam.po*.

3. Especificidades do acento proparoxítono

A tradição gramatical reconhece que, com relação ao acento tônico, as palavras da língua portuguesa podem ser divididas em três grupos: as oxítonas, cujo acento recai na última sílaba (*café*, *urubu* etc.); as

² Clements (1990) define tal princípio como uma escala de soância, de acordo com a qual os segmentos com a posição mais alta tendem a ocupar o núcleo da sílaba, e os segmentos com a posição mais baixa tendem às margens. A escala segue a seguinte ordem: Obstruintes > Nasais > Líquidas > Glides > Vogais, o que indica serem as obstruintes os sons menos soantes e as vogais, os mais soantes.

paroxítonas, em maior número, cujo acento recai na penúltima sílaba (*ônix, sorte* etc) e as proparoxítonas, cujo acento recai na antepenúltima sílaba (*psicólogo, horóscopo, âncora* etc.). Uma particularidade gráfica marca as palavras proparoxítonas: todas recebem acentuação gráfica, enquanto a exigência ou não de acento para as outras duas classes obedece a uma série de convenções.

As gramáticas da língua portuguesa só fazem menção ao fato de todas as proparoxítonas serem acentuadas graficamente. Não há referências ao fato de que, na modalidade oral, essas palavras podem perder o caráter proparoxítono, passando a paroxítonas. Somente Mira Mateus et. al. (2003, p. 1051), em nota, reconhecem a possibilidade de as proparoxítonas se igualarem às paroxítonas. De acordo com as autoras:

A normalização destas formas, levando à acentuação da última vogal do radical, manifesta-se em certos registos de língua, com a alteração de algumas palavras excepcionais que passam a regulares (exs: árvores/arves; quilómetro/quilontro) e com a hesitação na pronúncia de outras (exs. rúbrica/ru'brica; oceania/ocea'nia).

Uma justificativa para o fenômeno da síncope em proparoxítonas não ser investigado por estudos gramaticais tradicionais deve-se à correlação muito comum feita entre o fenômeno da supressão e sua produtividade em dialetos populares, isto é, toma-se a síncope como um fator de diferenciação diastrática que separa, de um lado, as variedades de prestígio, não propensas à realização da supressão da vogal postônica não final, e, de outro, as variedades populares, que regularizam as proparoxítonas em paroxítonas por força do acesso restrito aos meios escolares.

Outra questão que afeta os estudos acerca das proparoxítonas está ligada à produtividade lexical dos itens que se enquadram nesse perfil acentual: o acento na antepenúltima sílaba. As proparoxítonas constituem o conjunto que apresenta o padrão acentual menos usual da língua (desconsiderando-se as palavras *biesdrúxulas*³, consideradas não-prototípicas). Some-se a isso o fato de que a maior parte das proparoxítonas se restringe a termos técnicos e pouco produtivos, sendo raros os termos que persistem ainda hoje no vocabulário usual dos falantes.

³ Alguns estudos denominam as palavras *biesdrúxulas* de anteproparoxítonas, por apresentarem o acento na sílaba anterior à antepenúltima. Temos exemplos de *biesdrúxulos* em português no âmbito do vocábulo fonológico, como em *falávamos-te*.

Araújo *et al.* (2007, p. 37-38) realizaram um levantamento do vocabulário do português contabilizando todos os verbetes do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Os autores chegaram a um total de 150.875 palavras, das quais 18.413 são termos proparoxítonos, o que equivale a somente 12% do total⁴. A tabela a seguir aponta o percentual de vocábulos para cada vogal postônica não-final.

Tabela 1: Distribuição das proparoxítonas considerando a natureza⁵ da vogal postônica não-final (Araújo *et. al.*, 2007, p. 58)

/i/	/e/	/a/	/o/	/u/
65,5%	9,7%	10,9%	10,5%	3,6%

Os autores ainda observam as probabilidades de apagamento das vogais postônicas não finais em função do contexto fonético, como aponta a tabela 2.

Tabela 2: Distribuição das proparoxítonas considerando a possibilidade de apagamento da vogal postônica não-final (Araújo *et. al.*, 2007, p. 58)

/i/	/e/	/a/	/o/	/u/
28%	70%	49%	38%	81%

Pela configuração da tabela acima, observa-se que, apesar de os proparoxítonos com vogal postônica medial /i/ constituírem o maior número de itens lexicais com esse padrão acentual, somente em 28% deles a queda da vogal não causa prejuízos à estrutura silábica do vocábulo, uma vez que a consoante que acompanha essa vogal pode se anexar ou ao *onset* da sílaba átona, ou à coda da sílaba tônica. Através dessa pequena amostragem, observa-se o comportamento idiossincrático das palavras com acento na antepenúltima sílaba e justifica-se a investigação desse parâmetro acentual, tendo em vista contribuições para a descrição fonológica da língua portuguesa.

⁴ As paroxítonas, padrão acentual canônico do português, representam 63% desse conjunto e as oxítonas, 25%.

⁵ Os autores consideram a natureza gráfica da vogal postônica não-final, e não a realização desse segmento.

4. Objetivos

Com base na análise de inquéritos extraídos de um *corpus* que retrata a realidade da fala popular urbana do Rio de Janeiro, esta pesquisa investiga:

(a) a produtividade do fenômeno de síncope da vogal postônica não-final e

(b) a coatuação de condicionamentos linguísticos e sociais para a aplicação da regra de apagamento da vogal átona não-final e, conseqüentemente, a regularização das palavras proparoxítonas em paroxítonas.

5. Hipóteses

Toma-se por hipótese que a síncope da vogal postônica não-final é um fenômeno bastante produtivo na fala popular urbana do Rio de Janeiro. Dessa forma, o propósito é verificar como os condicionamentos sociais e linguísticos atuam na realização do fenômeno.

Dentre os condicionamentos linguísticos que atuam na aplicação da regra de apagamento da vogal postônica não-final, são consideradas as seguintes hipóteses:

1. os contextos adjacentes à vogal postônica não-final são decisivos para a ocorrência do fenômeno: são mais frequentemente elididas as vogais cujas consoantes que as acompanham possam ser ressilabificadas – seja na coda da sílaba tônica, seja no *onset* da sílaba átona final.

A tendência à síncope de segmentos vocálicos átonos em proparoxítonos que sejam acompanhados de consoantes ressilabificáveis não é uma inovação do português. Alguns autores citados neste trabalho apontam que a queda da vogal postônica não-final já é um fenômeno produtivo desde o latim vulgar. A título de ilustração, Coutinho (1976, p. 107) destaca que no latim vulgar – apontado por alguns estudiosos como uma língua que evita ao máximo formas com acento na antepenúltima sílaba – sistematicamente ocorria a queda da vogal postônica não-final nos seguintes contextos:

a. depois de uma consoante oclusiva e diante de uma consoante lateral ou vibrante: *oc[u]lus* > *oclus*; *masc[u]lus* > *masclus*; *alt[e]ra* > *altra*;

b. entre uma labial e outra consoante: *dom[i]nus* > *domnus*; *lami-na* > *lamna*;

c. entre uma vibrante ou lateral e outra consoante: *vir[i]dis* > *virdis*; *cal[i]dus* > *caldus*;

d. depois de -s e antes de outra consoante: *pos[i]tus* > *postus*.

Em todos os casos citados, as palavras proparoxítonas se adequam ao padrão paroxítono a partir da síncope da vogal postônica não-final e a anexação da consoante que a acompanha, seja à coda da sílaba anterior (casos c e d), seja ao *onset* da sílaba átona final (casos a e b). A comprovação desta hipótese remete ao princípio do uniformitarismo, formulado por Labov (1972, 1994), que dá conta da relação existente entre processos de variação e mudança linguística no atual estágio de língua e em estágios anteriores: os mesmos condicionamentos linguísticos atuam em momentos diferentes de uma mesma língua.

II. a estrutura da sílaba tônica condiciona o comportamento da sílaba átona não-final: sílabas tônicas abertas, constituídas por consoante-vogal, favorecem o apagamento da vogal postônica e permitem a fixação da consoante que a precede na coda da sílaba anterior, resultando na estrutura consoante-vogal-consoante para a sílaba acentuada;

III. vocábulos proparoxítonos polissilábicos reduzem-se mais do que os proparoxítonos trissilábicos;

IV. nomes comuns apresentam um índice de apagamento maior do que os nomes próprios, adjetivos e verbos.

Do ponto de vista da atuação dos parâmetros sociais, parte-se do princípio de que:

I. a supressão da vogal postônica não-final é um fenômeno de baixo prestígio social. O comportamento dos informantes do gênero feminino comprovaria o estigma do processo, porque se espera que as mulheres tendam a aplicar menos a regra do que os falantes do gênero masculino;

II. o apagamento da vogal postônica não-final é um fenômeno estável, isto é, não se está diante de um processo que encaminhe à mudança linguística. A estabilidade do processo seria comprovada a partir da atuação da variável faixa etária do informante: os falantes mais jovens tendem a aplicar menos a regra de síncope da vogal átona não-final, por estarem mais em contato com as formas padrão e por demonstrarem uma preocupação maior em adequar seus discursos às formas de prestígio. Em situações de mudança, espera-se que a análise da variável faixa etária aponte que a implementação da forma inovadora ocorre nos usos linguísticos dos falantes mais jovens, enquanto os indivíduos mais velhos utilizam formas linguísticas mais conservadoras.

6. Amostra e metodologia

O *corpus* utilizado nesta pesquisa provém da *Amostra Censo*. Constituída por pesquisadores do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua (PEUL), a amostra é um banco de dados composto por entrevistas com 64 informantes residentes em diversos bairros da área metropolitana da cidade do Rio de Janeiro.

Neste trabalho são investigados vinte e cinco informantes, doze homens e treze mulheres, distribuídos por três faixas etárias: 18 a 35 anos, 35 a 55 anos e mais de 56 anos. O grau de escolaridade dos informantes neste *corpus* varia entre quatro e onze anos de escolarização, o que compreende o primeiro e o segundo segmentos do ensino fundamental e o ensino médio.

Nesta abordagem foram levantadas e codificadas 1317 ocorrências de palavras proparoxítonas, analisadas a partir de uma variável dependente que considerava três possibilidades:

(i) perda da vogal postônica não-final: *É meu **circlu** todo é aqui.* (Seb09)

(ii) perda da vogal postônica e da consoante seguinte: *Devia de ter meus dez anos, sempre gostei de mexer com **velocipi**, bicicleta, certo?* (Edu07)

(iii) vocábulo em que não ocorre o apagamento: *botaria **fábricas*** (Sam01)

Todavia, dado o pouco número de ocorrências de vocábulos que apresentassem dois processos de síncope – a da vogal postônica não-final e a da consoante seguinte, com 39 dados, em um total de 1317 –, optou-se por amalgamar em uma só variável dependente as duas formas de apagamento de segmentos consideradas – exemplificadas em (i) e (ii).

Com o apoio do instrumental teórico-metodológico oferecido pela Sociolinguística Variacionista (Weireinch, Labov e Herzog, 1968; Labov, 1972, 1994, 2004), os 1317 dados extraídos da amostra considerada foram submetidos a um tratamento estatístico – possível graças à ferramenta GOLDVARB 2001 – com o propósito de observar a atuação de condicionamentos linguísticos e sociais no apagamento da vogal postônica não-final. Foram estabelecidas doze variáveis – nove linguísticas e três sociais – para medir o efeito dos condicionamentos.

Tabela 3: Variáveis Investigadas

Variáveis Linguísticas	Variáveis Sociais
ponto de articulação da vogal tônica; ponto de articulação da consoante precedente à vogal postônica não-final; modo de articulação da consoante precedente à vogal postônica não-final; ponto de articulação da consoante seguinte à vogal postônica não-final; modo de articulação da consoante seguinte à vogal postônica não-final; natureza da sílaba tônica; extensão do vocábulo; classe gramatical do vocábulo ponto de articulação da vogal postônica não-final.	faixa etária; gênero; escolaridade.

7. Resultados

A tabela a seguir revela que condicionamentos foram estatisticamente relevantes para o apagamento da vogal postônica não-final na fala popular urbana.

Tabela 4: Variáveis atuantes para o apagamento das vogais postônicas não-finais – Amostra Censo 80 PEUL

Variáveis selecionadas	ponto de articulação da consoante seguinte a vogal postônica modo de articulação da consoante seguinte a vogal postônica ponto de articulação da consoante precedente a vogal postônica ponto de articulação da vogal postônica dimensão do vocábulo modo de articulação da consoante precedente a vogal postônica classe morfológica do vocábulo faixa etária gênero do informante
Aplicação	192/ 1317 = 14%
Input da regra	inicial: .146 de .048 seleção:
Significância	.000

Pode-se observar pela tabela acima que condicionamentos relativos aos contextos fonéticos adjacentes à vogal postônica não-final – sobretudo o ponto e modo de articulação da consoante seguinte – são fatores preponderantes para a queda desse segmento. Nas linhas a seguir, será discutido como atua cada um desses contextos. A discussão dos resultados para a fala popular urbana levará em conta, primeiramente, os condicionamentos linguísticos e, em seguida, os fatores sociais.

7.1 Variáveis linguísticas

7.1.1 Ponto de articulação da consoante seguinte à postônica não-final

A hipótese que norteia a postulação desta variável é que as consoantes alveolares, principalmente [r] e [l], favorecem o apagamento da vogal postônica não-final. Os contextos controlados e os resultados são expostos na tabela a seguir:

Tabela 5: Ponto de articulação da consoante seguinte à postônica não-final

	APL/ T	%	PR
labiais (ônibus, último)	85/354	24%	.85
alveolares (círculo, pérola)	86/342	25%	.59
velares (época, médico)	15/603	2%	.25
Input: .048		Significância: 0,000	

Os dados apontam como mais favorecedoras à queda da vogal postônica não final as consoantes labiais (.85), seguidas das alveolares (.59). Tal resultado contraria o que era esperado, já que consoantes labiais não podem figurar como segundo elemento de um ataque complexo, ao contrário das alveolares (sobretudo [r] e [l]).

Entretanto, um olhar mais cuidadoso sobre os dados revela que a maior parte dos vocábulos que apresentam uma consoante labial seguinte à vogal postônica corresponde ao item lexical *ônibus*, o que, sem dúvida alguma, contribuiu para o enviesamento dos resultados, acarretando a não comprovação da hipótese. As velares, no *corpus*, não apresentam um papel favorecedor (.22): *única* > *unca*.

7.1.2 Modo de articulação da consoante seguinte à vogal postônica não-final.

Historicamente, o apagamento de segmentos antes de consoantes líquidas é uma tradição verificada em diversos pontos da história da língua portuguesa (cf., por exemplo, as considerações de Coutinho, 1976). Assim, parte-se do princípio de que a presença de consoantes líquidas no *onset* da sílaba átona final favoreceria a queda da vogal postônica, uma vez que tais consoantes podem se anexar tanto à coda da sílaba tônica, formando o padrão CVC nesse contexto, quanto podem figurar como o segundo elemento de um *onset* complexo, desde que haja no ataque da sílaba

postônica não final uma consoante obstruinte (oclusivas e fricativas labiais). Os resultados para esse condicionamento estão expressos na tabela a seguir.

Tabela 6: Modo de articulação da consoante seguinte à vogal postônica

	APL / T	%	PR
obstruintes (<i>época</i>)	74 / 865	8%	.50
nasais (<i>mínimo</i>)	41 / 268	15%	.31
laterais (<i>ócu / os</i>)	54 / 95	56%	.67
vibrantes (<i>abóbora</i>)	17 / 78	21%	.80
Input: .048		Significância: 0,000	

Os resultados parecem confirmar as expectativas em relação à variável modo de articulação da consoante seguinte: as consoantes líquidas (laterais e vibrantes) favorecem o apagamento da vogal postônica não final (.67 e .80, respectivamente) As obstruintes e nasais aparecem como contextos bloqueadores de aplicação da regra. Tais resultados vêm corroborar a tese de que o apagamento da vogal postônica não-final, culminando na regularização dos vocábulos proparoxítonos em paroxítonos, é fortemente condicionado por licenciamentos na estrutura fonotática da língua, sobretudo quando a queda do segmento vocálico átono não-final possibilita a ressilabificação da consoante que o acompanha.

7.1.3 Ponto de articulação da consoante precedente à vogal postônica não-final.

Com essa variável, busca-se observar o comportamento da vogal postônica não final em função do segmento consonantal que a acompanha. Espera-se que nos contextos em que a queda da vogal postônica leva a consoante a se anexar ou à coda na sílaba tônica ou, ainda, ao *onset* da sílaba átona final, o apagamento da vogal seja favorecido. Já as consoantes que não podem se ressilabificar nas sílabas tônica ou átona final não favoreceriam a aplicação da regra. Os resultados são de vital importância para a compreensão do fenômeno da síncope em proparoxítonas, como se observa na tabela a seguir.

Tabela 7: Ponto de articulação da consoante precedente à vogal postônica não-final.

	APL/T	%	P.R
labial (<i>época</i>)	62/392	15%	.34
alveolar (<i>título, pérola, cócegas</i>)	99/473	20%	.73
palatal (<i>tínhamos, médico, último</i>)	11/323	3%	.30
velar (<i>óculos, fígado</i>)	19/55	34%	.63
Input: .048	Significância: 0,000		

A tabela aponta algumas correlações importantes para a compreensão da importância do contexto fonético adjacente à vogal postônica na tendência ao apagamento desse segmento. As consoantes alveolares e velares se mostraram, como consoantes precedentes, mais favorecedoras ao apagamento da vogal postônica (.67 e .62, respectivamente).

A hierarquia talvez possa se explicar pelo fato de que o ponto de articulação alveolar reúne consoantes que tanto podem se anexar à coda da sílaba tônica (/S/, /N/ e /l/) quanto ao *onset* da sílaba átona (/t/ e /d/), desde que haja nesse ambiente uma consoante líquida. As velares têm seus contextos de ressilabificação restritos ao ataque da sílaba átona final. Vale destacar que foram desconsiderados os contextos precedentes constituídos de ataques complexos (*fá.bri.ca*, *lá.gri.ma*).

7.1.4 Natureza da vogal postônica não-final

Os trabalhos que investigam a relação entre aspectos linguísticos e sociais no apagamento da vogal postônica não-final demonstram que traços de articulação da vogal postônica medial são de vital importância para a compreensão do fenômeno. Entretanto, as investigações realizadas até aqui não indicam uma uniformidade na atuação desse parâmetro. O objetivo, então, é investigar que vogal postônica não-final está mais sujeita ao apagamento. As considerações estão representadas na tabela abaixo.

Tabela 8: Ponto de articulação da vogal postônica não-final

	APL / T	%	P.R
Dorsal (xícara)	25 / 176	14%	.58
Labial (cúmulo)	78 / 275	28%	.80
Coronal (tímido)	89 / 866	10%	.38
In put: .048		Significância: 0,000	

Percebe-se, para os dados extraídos do *corpus*, que o maior peso relativo (.80) se refere à vogal [u], sendo esta, portanto, a mais propícia ao apagamento, seguida da vogal dorsal (.58). As coronais ainda se estabelecem como um contexto de resistência para a aplicação da regra (.38). A tendência verificada nos dados da Amostra Censo está de acordo com o levantamento estatístico realizado por Araújo et. al. (2007). Os autores, com base no levantamento das palavras proparoxítonas no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, indicam que o [u] é a vogal postônica não-final que apresenta o maior número de contextos favoráveis à supressão.

7.1.5 Dimensão do vocábulo

A dimensão da palavra proparoxítona, medida em termos de número de sílabas, foi verificada como um dos condicionamentos atuantes no processo de apagamento da vogal postônica não-final. Parte-se do princípio de que quanto maior o número de sílabas da palavra, maior a probabilidade da síncope da vogal postônica. Os resultados para esse efeito estão expressos na tabela abaixo.

Tabela 9: Número de sílabas da palavra

	APL / T	%	P.R
três sílabas (óculos)	112 / 859	13%	.41
mais de três sílabas (velocípede)	80 / 458	17%	.64
In put: .048		Significância: 0,000	

A tabela 9 mostra que as palavras com três sílabas tendem a manter seu padrão, sendo mais conservadoras e inibindo a aplicação da regra (.41). Os vocábulos polissílabos estão mais propensos ao apagamento da vogal (.64).

Fica evidente que, no caso da redução de sílabas, fatores como ritmo e velocidade de fala interagem para o apagamento de segmentos no interior de palavras proparoxítonas. Tais fatores estão sendo investigados com base em análises acústicas, que fornecem indícios de como se dá a interação de parâmetros prosódicos na aplicação da regra.

7.1.6 Modo de articulação da consoante precedente à vogal postônica não-final

Para complementar a investigação acerca da influência da consoante que acompanha a vogal postônica não final na sílaba, observa-se agora a pertinência da variável modo de articulação da consoante precedente. Espera-se que sejam favorecedoras do apagamento da vogal postônica não-final as consoantes que possam se ressilabificar. Os resultados estão na tabela abaixo.

Tabela 10: Modo de articulação da consoante precedente à vogal postônica não-final

	APL / T	%	P. R
O bstruintes (bê bado)	116 / 849	13%	.52
Nasais (número)	73 / 296	24%	.64
Laterais (cólica)	1 / 58	1%	.06
Vibrantes (América)	1 / 40	2%	.09
Input: 0.48		Significância: 0,000	

Mais uma vez, destaca-se a não uniformidade na atuação de uma variável, em função do contexto envolvido. Os dados apontam o modo de articulação da consoante anterior nasal como o contexto mais favorecedor para a aplicação da regra de apagamento da vogal postônica não-final (.64), seguido do modo de articulação obstruinte (.52).

Nota-se que a hierarquia respeita as regras de organização dos segmentos na sílaba, uma vez que tanto as obstruintes quanto as nasais podem se reestabelecer em sílabas quando ocorre a queda da vogal postônica não-final. Entretanto, deve-se considerar que, na amostra, a consoante precedente nasal foi selecionada como a mais relevante por conta das ocorrências da palavra *ônibus*. As laterais e vibrantes se mostraram, nesse contexto, inibidoras da regra (.06 e .09, respectivamente).

7.1.7 Classe morfológica

A variável classe morfológica foi postulada para que fosse verificada influência da categoria morfológica do vocábulo na aplicação da regra de apagamento da vogal postônica não-final. Contava-se que os nomes comuns, por pertencerem a uma categoria que contém um número maior de vocábulos proparoxítonos, exibissem taxas de apagamento maiores do que as verificadas para nomes próprios, adjetivos e verbos. Os resultados a seguir mostram que a hipótese não se confirma.

Tabela 11: Classe morfológica

	APL / T	%	P.R
Nomes comuns (árvore)	108 / 747	14%	.47
Nomes próprios (Petrópolis)	38 / 91	41%	.84
Verbos (tínhamos)	14 / 84	16%	.44
Adjetivos (belíssima)	32 / 395	8%	.45
Inp ut: 0.48		Significância: 0,000	

Os resultados acima indicam que os nomes próprios tendem a apagar a vogal postônica não-final com mais recorrência do que os nomes comuns (.84 contra .47). Tal tendência é, de certa forma, inesperada, já que a expectativa era exatamente a oposta: esperava-se que os nomes próprios fossem mais resistentes à aplicação da regra, por conta de sua especificidade. Todavia, um olhar mais atento aos dados revela que as taxas altas de apagamento nos nomes próprios estão ligadas aos itens lexicais considerados, pois foram apagadas as vogais postônicas não-finais dos topônimos *Petrópolis* e *Teresópolis*.

7.2 Variáveis sociais

7.2.1 Faixa etária

A faixa etária é um dos parâmetros externos que podem ser considerados decisivos no estudo de um fenômeno em variação, além de se prestar como um indício para a apreensão da mudança linguística. Neste trabalho, utilizou-se a variável faixa etária com o intuito de observar se o fenômeno de síncope em proparoxítonas se configura como um fenômeno de mudança em andamento ou um processo de variação estável. É evidente que tais questões só são seguramente respondidas em um estudo que conjugue a verificação no tempo real e o comportamento das variáveis através dos níveis de diferenciação etária.

Nesta pesquisa, foram consideradas três faixas de idade: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 56 anos. Os resultados estão expressos na tabela 12.

Tabela 12: Faixa etária

	APL / T	%	P.R
18 a 35 anos	20/304	6%	.27
36 a 55 anos	80/528	15%	.50
mais de 56 anos	92/485	18%	.64
Input .048	Significância: 0,000		

Os resultados apontados acima mostram que os falantes mais velhos, com mais de 56 anos de idade, realizam muito mais formas sincopadas do que os falantes da faixa mais jovem. Os mais velhos apresentam um alto índice de apagamento (.64), se comparado ao uso dos falantes mais novos (.27).

Pela tabela acima, é possível perceber que a faixa mais jovem está, pelo menos no *corpus* analisado, utilizando mais as formas padrão, não sincopadas, o que pode ser indício de que o processo de regularização dos vocábulos proparoxítonos em paroxítonos é uma variável sem prestígio social. Talvez o resultado delineado acima seja reflexo de outros condicionamentos que não são facilmente traduzíveis em variáveis independentes, como as redes sociais a que pertencem os falantes, o acesso aos meios de comunicação, o grau de integração com a sociedade, a inserção do indivíduo no mercado de trabalho e o contato com as formas padrão.

7.2.2 Gênero do informante

A literatura sociolinguística documenta duas tendências distintas no que diz respeito a diferenças de gênero nos usos linguísticos. A primeira tendência (cf. Chambers e Trudgill, 1980) prevê que, em situações estáveis, os homens utilizam as formas não-padrão com maior frequência do que as mulheres; a segunda tendência (Labov, 1972) prevê que, em situações de mudança linguística, as mulheres têm papel inovador. Tais considerações têm de ser relativizadas, já que o papel do gênero do informante necessariamente interage com outras variáveis sociais. A tabela a seguir mostra a distribuição dos dados em função dessa variável.

Tabela 13: Gênero do informante

	APL/ T	%	P.R
Homens	113/658	17%	.62
Mulheres	79/659	11%	.37
Input .048		Significância: 0,000	

Se compararmos os resultados expressos acima com as tendências relativas ao papel da variável gênero do informante, podemos verificar que estamos diante de uma variável sem prestígio social, porque, quando a variação não é um indício de um fenômeno de mudança em progresso, como mostram os resultados na perspectiva do tempo aparente, as mulheres tendem a utilizar as formas de prestígio muito mais do que os homens.

Os resultados comprovam a primeira tendência com relação ao papel da variável gênero, descrito acima: os homens tendem a favorecer as formas não-padrão, com .62 de peso relativo; em contrapartida, o gênero feminino tende a evitar as formas sincopadas, desprestigiadas socialmente, uma vez que apresentam como peso relativo (.37).

Todavia, ainda que haja uma confluência entre os resultados verificados para as variáveis sociais investigadas, os índices devem ser relativizados tendo em vista que, principalmente na atuação do parâmetro gênero do informante, não estão muito claras as correlações entre o gênero e outras variáveis sociais e até discursivas, muito complexas para serem traduzidas em termos de variáveis independentes.

8. Considerações finais

A análise empreendida aqui, com o intuito de observar a relação entre condicionamentos linguísticos e sociais na aplicação da regra de apagamento da vogal postônica não final na fala popular urbana do Rio de Janeiro, observou:

(a) um alto grau de interação entre os condicionamentos linguísticos, já que foram relevantes para a aplicação da regra de apagamento da vogal postônica não-final:

- o contexto fonológico adjacente ao segmento – favorecem a aplicação da regra consoantes que podem ser ressilabificadas, seja ao criarem ataques complexos na sílaba átona final, seja ao se fixarem na coda da sílaba tônica;

- o ponto de articulação da vogal postônica não-final – as vogais labiais [o, u] estão mais propensas ao apagamento do que as coronais [e, i] e a dorsal [a];

- a dimensão do vocábulo – proparoxítonas trissilábicas são mais resistentes ao processo de apagamento da vogal postônica não-final do que as proparoxítonas polissilábicas, o que demonstra a importância de considerar questões relacionadas ao ritmo e à velocidade de fala na ocorrência do apagamento de segmentos no interior dos vocábulos;

- a classe morfológica do vocábulo – ainda que haja uma ressalva em relação aos resultados para esse condicionamento; apesar de uma tendência maior ao apagamento de segmentos em nomes próprios, há de se considerar que o grande número de ocorrências dos topônimos *Petrópolis* e *Teresópolis* obscurece a real importância da variável.

(b) a atuação significativa de condicionamentos sociais, uma vez que:

- as faixas etárias mais jovens, conforme o esperado, aplicam menos a regra de apagamento do que os informantes mais velhos;

- os homens tendem a favorecer as formas com apagamento, enquanto as mulheres as evitam; tal comportamento sugere certo grau de desprestígio social do fenômeno; todavia, a influência do gênero do informante em fenômenos variáveis depende da atuação de outros condicionamentos (sobretudo de ordem discursiva), que não são facilmente traduzíveis em variáveis independentes.

Através dos resultados, atesta-se a estabilidade do fenômeno: a supressão da vogal postônica não final sempre ocorreu na história da nossa língua – e os condicionamentos linguísticos mais fortemente atuantes se

mantêm os mesmos ao longo do tempo. Entretanto, o fenômeno nunca indicou um processo de mudança: ainda há proparoxítonas em nossa língua e, o mais importante, há itens lexicais proparoxítonos que, por força de sua constituição fonética, bloqueiam a aplicação da regra.

Referências

AMARAL, Marisa Porto do. *As proparoxítonas: teoria e variação*. Tese (Doutorado em Letras) - PUC-RS, Porto Alegre, 2000.

_____. "A síncope em proparoxítonas: uma regra variável". In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, pp. 99-125.

ARAGÃO, Maria do Socorro de. "Aspectos fonéticos das proparoxítonas no falar de Fortaleza". Anais. *II Congresso Internacional da ABRALIN*. Florianópolis: UFSC, fev. 1999.

ARAÚJO, Gabriel Antunes de *et. al.* "As proparoxítonas e o sistema acentual do português". In: _____ (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007, pp. 37-60.

CAIXETA, Valmir. *Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1989.

CARDOSO, Suzana Marcelino. "O apagamento das postônicas não-finais: um fenômeno atemporal e atópico?" In: CASTILHO, A.; TORRES MORAIS, M. A.; LOPES, R.; CYRINO, S. *Descrição, história e aquisição*. São Paulo: Fontes/FAPESP, 2007, pp. 207-215.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge, 1980.

CLEMENTS, G. N. "The role of the sonority cycle in core syllabification". In: KINGSTON, John; BECKMAN, M. (orgs.). *Papers in Laboratory Phonology*. Cambridge: Cambridge University, 1990, pp. 283-333.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

LABOV, William. "The study of language in its social context". In: _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, pp. 183-259.

_____. *Principles of linguistic change. Vol.1: Internal Factors*. Oxford / Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. "Some sociolinguistic principles". In: PAULSTON, Christina Bratt & TUCKER, G. Richard. (orgs.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003, pp. 234-250.

_____. *Quantitative reasoning in linguistics*. 2004. Disponível em <http://www.ling.openn.edu/~wlabov/papers/QRL.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2011.

LIMA, Giselly de Oliveira. *O efeito da síncope em proparoxítonas: uma análise fonológica e variacionista com dados do sudoeste goiano*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2008.

MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

NARO, Anthony Julius. "Modelos quantitativos e tratamento estatístico". In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, pp.15-25.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Clássica, 1956

RAMOS, Adriana Perpétua. *Descrições das vogais postônicas na variedade do noroeste paulista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — UNESP, São José do Rio Preto, 2009.

SILVA, André Pedro. *Supressão da vogal átona postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar sapaense*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

XIMENES, Luiza de Fátima Cabral. *Estudo linguístico-histórico em Rio Verde: síncope e escolhas lexicais*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — UFG, Goiás, 2005.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. "Empirical foundations for a theory of language change". In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (orgs.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, pp. 97-195.

WILLIAMS, Edwin. *Do latim ao português*. Trad. de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1961.

Resumo

Este estudo investiga a síncope das vogais postônicas não-finais na fala popular do Rio de Janeiro, em dados da fala de 25 informantes da Amostra Censo-80. A partir da abordagem sociolinguística, este trabalho analisa os condicionamentos linguísticos e sociais que levam ao apagamento da vogal postônica não-final.

Palavras-chave: vogais postônicas não-finais, síncope, Amostra Censo-80

Abstract

This study investigates the syncope of postonic non final vowels in the popular speech of Rio de Janeiro, from data from the speech of 25 informants of Amostra Censo 80. Using the sociolinguistic approach, this paper analyzes the linguistic and social restrictions that affect the syncope of the mentioned vowel.

Keywords: postonic non final vowels, syncope, Amostra Censo 80.